

# Como Fazer Sexo para a Glória de Deus?

Justin Taylor

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

“Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Romanos 11:36)

“Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1Coríntios 10:31)

Estes dois versículos estão entre os mais frequentemente citados pelos evangélicos. Mas *citar* textos da Escritura é diferente de *moldar uma cosmovisão ao redor deles*. Se a igreja hoje tomasse seriamente o significado do termo “todas as coisas”, não testemunharíamos um fluxo firme de sermões e livros provocativos sobre o tema “Como Fazer Sexo para a Glória de Deus”? Ao invés disso, a mera sugestão de pregar tal sermão provavelmente provocaria no mínimo um riso nervoso ou um embaraço ruborizado.

A origem deste volume e sua tentativa de responder a pergunta foi a *Conferência Nacional Desiring God* (2004), intitulada “Sexo e a Supremacia de Cristo”. Desejamos abordar esse assunto com franqueza e reverência, com a supremacia de Cristo tanto como o nosso fundamento como o nosso objetivo. O que sexo e a supremacia de Cristo tem a ver um com o outro, e quais as implicações que isso deveria ter para as nossas vidas diárias?

## O que a Bíblia diz sobre Sexo

Suponho que você queira saber o que a Bíblia ensina sobre sexo. Como você descobre isso? Uma busca pelas variantes da palavra *sexo* numa Bíblia em português mostra que ela quase sempre ocorre no contexto de *imoralidade sexual* (grego, *porneia* – a partir do qual derivamos a palavra “pornografia”). Assim, você poderia concluir que a Bíblia não tem muito para nos ensinar sobre sexo, e que quando ela trata de sexualidade, ela o faz somente numa forma negativa, proibitiva e pudica.

Mas essa seria uma conclusão superficial. *A Escritura tem muito a dizer sobre sexo, pois a Escritura tem muito a dizer sobre todas as coisas*. Assim, ao invés de procurar na Bíblia somente pela palavra *sexo*, uma estratégia mais produtiva seria procurar na Bíblia pelo termo *todas as coisas*, visto que o sexo é obviamente um sub-conjunto de *todas as coisas*. Aqui está uma amostra do que este tipo de busca revelaria na Palavra autoritativa de Deus:

- O sexo foi criado por Deus (“por ele *todas* as coisas foram criadas” – Colossenses 1:16).
- O sexo continua a existir pela vontade de Cristo (“*todas* as coisas subsistem por ele” – Colossenses 1:17).
- O sexo é causado por Deus “ele “faz *todas* as coisas conforme o conselho da sua vontade” – Efésios 1:11)
- O sexo está sujeito a Cristo (“ele pôs *todas* as coisas debaixo dos pés” – Efésios 1:22).
- Cristo está fazendo o sexo novo (“Eis que faço novas *todas* as coisas” – Apocalipse 21:5).
- O sexo é bom (“*tudo* que Deus criou é bom” – 1Timóteo 4:4).
- O sexo é lícito no contexto do casamento (“*todas* as coisas são lícitas” – 1Coríntios 10:23).
- Quando fazemos sexo, fazemos para a glória de Deus (“quer comais, quer bebais ou façais *outra coisa qualquer*, fazei *tudo* para a glória de Deus” – 1Coríntios 10:31).
- O sexo coopera para o bem dos filhos de Deus (“sabemos que *todas* as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” – Romanos 8:28).
- Devemos agradecer a Deus pelo sexo (“pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, *nada* é recusável” – 1Timóteo 4:4).
- O sexo deve ser santificado pela Palavra de Deus e oração (“*tudo* que... pela palavra de Deus e pela oração, é santificado” – 1Timóteo 4:4-5).
- Devemos estar alertas para não sermos escravizados pelo sexo (“Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por *nenhuma* delas” – 1Coríntios 6:12).
- Não devemos murmurar sobre sexo (“fazei *tudo* sem murmurações” – Filipenses 2:14).
- Devemos nos regozijar no Senhor durante o sexo (“regozijai-vos, *sempre*, no Senhor” – Filipenses 4:4).
- Devemos estar contentes no sexo (“tendo todo contentamento em *todas* as coisas, em *todo* o tempo” – 2Coríntios 9:8, versão utilizada pelo autor)
- Devemos praticar e buscar relações sexuais em santidade e honra (“cada um de vós saiba possuir o próprio corpo [KJV, ARC: “possuir o seu vaso”; RSV: “tomar uma esposa para si mesmo”] em santificação e honra – 1Tessalonicenses 4:4).

- Cônjuges não devem “privar um ao outro [sexualmente], salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo”, para dedicarem-se à oração (1Coríntios 7:5).
- Mas então eles são ordenados a “novamente, vos ajuntardes [sexualmente], para que Satanás não vos tente por causa da incontinência” (1Coríntios 7:5)..
- Nesta era caída, o sexo é tanto puro como impuro — “*Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas*” (Tito 1:15).

Que série de sermões seria esta! Um estudo cuidadoso destes versículos, no contexto de todo o conselho de Deus, mostraria que o sexo não pode ser entendido corretamente ou praticado de maneira apropriada, sem ver como o sexo se relaciona com Deus. É nossa esperança e oração que os capítulos reunidos neste volume lhe ajudarão a orientar toda a sua vida e cosmovisão – incluindo sua vida sexual e visões sobre sexualidade – ao redor da glória de Deus em Cristo.

## Vergonha na Igreja

Um dos obstáculos a uma discussão franca e edificante de sexualidade é a questão da vergonha. A vergonha pode ser saudável, e pode ser pecaminosa também. Em geral, nossa cultura tem a tendência infernal de dissipar qualquer vestígio de decência e vergonha em todas as coisas sexuais. Como uma reação exagerada, a igreja é frequentemente muito tímida até mesmo para levantar tal assunto, pelo temor de violar o mandamento de Paulo: “Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha” (Efésios 5:12). Mas esta vergonha apropriada pode facilmente transformar-se num embaraço impróprio e numa reserva prejudicial em aplicar todo o conselho de Deus a um assunto de suprema significância. Contudo, isso não é uma opção para o corpo de Cristo, como Al Mohler tão utilmente nos lembra:

Os cristãos não têm o direito de ficarem embaraçados ao falarem sobre sexo e sexualidade. Uma reserva ou embaraço prejudicial ao tratar com estes assuntos é uma forma de desrespeito à criação de Deus. Tudo o que Deus faz é bom, e toda coisa boa que Deus faz tem um propósito cuja intenção é ultimamente revelar sua própria glória. Quando cristãos conservadores respondem ao sexo com ambivalência ou embaraço, difamamos a bondade de Deus e ocultamos a glória de Deus que é pretendida ser revelada no uso correto dos dons da criação. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> R. Albert Mohler, Jr., “The Seduction of Pornography and the Integrity of Christian Marriage”, um discurso entregue aos homens do Boyce College (13 de Março de 2004), disponível online em [www.sbts.edu/docs/Mohler/EyeCovenant.pdf](http://www.sbts.edu/docs/Mohler/EyeCovenant.pdf) (acessado em 14-01-05).

## Sexo no Mundo

Na década de 1950, havia um assentimento amplo a uma ordem moral exterior fora de nós mesmos, governando e moldando nosso discurso e nossa ética. Este entendimento compartilhado desmoronou na década de 1960, com o advento da revolução sexual. Em seu lugar, uma nova ética surgiu. Alguns sugerem que o que temos agora é um relativismo desenfreado e um niilismo narcisista. Mas tal análise tende a perder o alvo. A nova ética – algumas vezes chamadas de uma “ética de autenticidade”<sup>2</sup> – “insiste que a voz interior é moralmente autoritativa e deveria ser seguida sem questionamento”.<sup>3</sup> Dinesh D’Souza refere-se a isto como o “ego imperial”.<sup>4</sup> Aos adoradores e obedientes do Ego Imperial, um apelo vazio à “moralidade objetiva” provavelmente não faz um ataque significante. Frederica Mathewes-Green escreve:

Estes estudantes têm uma moralidade objetiva. Ela é totalmente diferente da nossa. Eles crêem que é objetivamente errado jogar alguém num caminho difícil. É errado fazer sexo com alguém que não está disposto. É errado transgredir uma das centenas de sutis normas de etiqueta sobre quem pode dormir com quem sob quais circunstâncias. Há abundância de moralidade objetiva do seu lado, e eles pensam que são melhores do que as nossas. Até onde eles podem ver, a deles está funcionando e a nossa parece sem rumo. Por que eles deveriam trocar? Este argumento soa como nada mais que “porque eu assim o disse”.<sup>5</sup>

“Porque eu assim o disse” não é muito persuasivo para uma criança de cinco anos que se esperneia no chão, e “porque eu assim o disse” não é muito eficaz com estudantes de vinte e cinco anos de idade na cama com outra estudante. O que é necessário em seu lugar é uma cosmovisão construída ao redor da proposição de que *Deus assim o disse*. Nosso chamado não é para meramente papagaiar estas palavras, mas para apresentar uma teologia bíblica que toma seriamente as graciosas prescrições e proibições de nosso santo e amável Criador.<sup>6</sup> A medida que desafiamos a igreja e a cultura, devemos nos esforçar para viver a descrição de Paulo da vida cristã, ou seja, “entristecidos, mas sempre alegres” (2Coríntios 6:10). Devemos aprender a falar francamente e, todavia, com discrição; profeticamente e, todavia, com nuança; com ousadia e, todavia, com um espírito quebrantado. Resumindo, devemos aprender a nos tornar o que somos: o corpo redimido de Cristo – pecadores sendo santificados, que refletem tanto a rigidez como as ternas misericórdias do nosso Senhor e Salvador.

<sup>2</sup> Veja Charles Taylor, *The Ethics of Authenticity* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1991).

<sup>3</sup> Dinesh D’Souza, “The Imperial Self”, disponível online em [http://www.tothesource.org/12\\_1\\_2004/12\\_1\\_2004.htm](http://www.tothesource.org/12_1_2004/12_1_2004.htm) (acessado em 26-01-05). Eu sou dependente da análise de D’Souza’s aqui, para esta seção.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> Frederica Mathewes-Green, “What to Say at a Naked Party,” *Christianity Today*, Fevereiro de 2005, disponível em <http://www.christianitytoday.com/ct/2005/002/14.48.html> (acessado em 21-01-05).

<sup>6</sup> Aqueles que procuram recursos para ajudar nesta tarefa, não precisam fazer nenhuma busca adicional após adquirirem os dois excelentes livros recentemente publicados pela Crossway Books: Daniel R. Heimbach, *True Sexual Morality: Recovering Biblical Standards for a Culture in Crisis* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2004); e Andreas J. Köstenberger with David W. Jones, *God, Marriage, and Family: Rebuilding the Biblical Foundation* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2004). Para um estudo amplamente confinado ao ensino fundamental de Gênesis, veja O. Palmer Robertson, *The Genesis of Sex: Sexual Relationships in the First Book of the Bible* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed, 2002).

## Sexo é um Apontador para Deus, e não um Substituto

Bruce Marshall, em seu romance *The World, the Flesh, and Father Smith*, escreveu uma sentença muito provocativa: “O jovem que toca a campainha no bordel está inconscientemente buscando a Deus”.<sup>7</sup> O que Marshall viu – e que poucos estão dizendo – é que há uma profunda conexão entre Deus e o sexo. Peter Kreeft viu isso. Após argumentar que “o sexo é a religião eficaz da nossa cultura”, ele explica:

Sexo é como religião, não somente porque ele é objetivamente santo em si, mas também porque ele nos dá subjetivamente um antegozo do céu, do auto-esquecimento, do auto-donar auto-transcendente que é para o que nossos corações foram no fundo designados, desejam e não ficarão satisfeitos até que tenham, pois fomos feitos à imagem de Deus e este auto-donar constitui a vida interna da Trindade.<sup>8</sup>

O sexo foi designado para ser um apontador para Deus, e não um substituto. O coração humano, como Pascal observou, é um vácuo do tamanho de Deus, que pode ser preenchido somente pelo próprio Deus:

... Houve, outrora, no homem, uma verdadeira felicidade, da qual só lhe restam, agora, a marca e o traço todo vazio, que ele tenta inutilmente encher de tudo o que o rodeia, procurando das coisas ausentes o socorro que não obtém das presentes, mas que são todas incapazes disso, porque esse abismo infinito só pode ficar cheio de um objeto infinito e imutável, isto é, o próprio Deus.<sup>9</sup>

É com estas considerações em mente que podemos considerar a conexão entre sexo e a supremacia de Cristo.

## Uma Visão Geral do Sexo e a Supremacia de Cristo

Nos dois capítulos de abertura, *John Piper* explora esta relação de Deus e o sexo sugerindo dois pontos simples, mas poderosos. Positivamente, ele argumenta que a sexualidade foi designada por Deus como uma forma de conhecer a Deus em Cristo mais plenamente; e que conhecer a Deus em Cristo mais plenamente foi designado como uma forma de guardar e guiar nossa sexualidade. Ou, colocado de maneira negativa: todo uso impróprio da nossa sexualidade distorce o verdadeiro conhecimento de Deus; e todo uso impróprio da nossa sexualidade deriva de não termos o verdadeiro conhecimento de Cristo. No capítulo 2 – a segunda parte da mensagem de Piper – ele expande este segundo ponto, nos ajudando a ver e saborear a supremacia de Cristo sobre todas as coisas. O obstáculo principal a se conhecer a supremacia de Cristo é a justa e santa ira de Deus contra nós, seus súditos pecadores e rebeldes. E a solução é a justiça de Cristo absorvendo esta ira e nos abrindo a porta para a vida eterna. Piper

<sup>7</sup> Bruce Marshall, *The World, the Flesh, and Father Smith* (Boston: Houghton Mifflin, 1945), 108.

<sup>8</sup> Peter Kreeft, *How to Win the Culture War: A Christian Battle Plan for a Society in Crisis* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2002), 95.

<sup>9</sup> Blaise Pascal, *Pascal's Pensées*, trans. W. F. Trotter (New York: E. P. Dutton, 1958), 113.

conclui, então, perguntando e respondendo a questão de como o conhecimento da supremacia de Cristo – nos aberto pelo evangelho – pode guiar e guardar nossas vidas sexuais, tornando nossa sexualidade sagrada, satisfatória, e que exalta a Cristo.

Em seu capítulo “A Bondade do Sexo e a Glória de Deus”, *Ben Patterson* sugere que a descrição de C. S. Lewis do prazer mundano no *The Screwtape Letters* – “um desejo sempre crescente de sempre diminuir o prazer” – é exatamente o que está acontecendo na nossa cultura. Mas a agenda de Deus para o sexo e o prazer, Patterson argumenta, é diferente. O sexo é bom porque o Deus que criou o sexo é bom. E Deus é glorificado grandemente quando recebemos seu dom com ação de graças e desfrutamos dele da forma que ele pretendeu que fosse desfrutado. Para mostrar que isto é verdade, Patterson nos leva numa excursão pela Bíblia, mostrando a importância do casamento – no princípio, no fim, e por toda a parte. Em particular, ele se maravilha com as imagens de Cantares de Salomão, e sua visão do saudável e ricamente erótico sexo feito da forma e dentro do contexto que Deus pretende, em contraste com o sexo barato e tóxico feito da forma que o mundo recomenda. Na segunda metade do seu capítulo, Patterson examina os fundamentos teológicos para a celebração do sexo dentro do pacto do casamento. Deus não somente criou todas as coisas como boas, do nada, mas ele enviou seu único Filho em carne humana, mostrando que o físico é um veículo adequado para comunhão com Deus. E Deus demonstrou esta bondade ao nos criar macho e fêmea, como criaturas sexuais que foram feitas para se unirem e encontrarem a si mesmas, à medida que nos entregamos uns aos outros. Patterson termina seu capítulo oferecendo um exemplo penetrante a partir de sua própria vida, onde ele experimentou novamente a gratidão e alegria de ter recebido sua esposa de um Deus bom e gracioso.

Na Parte Dois nos voltamos para assuntos que rodeiam o pecado e a devassidão sexual. *David Powlison* argumenta que estamos todos engajados numa batalha, e ela é mais longa, ampla, profunda e sutil do que as pessoas percebem. Devemos alongar nossa visão da batalha, vendo-a como uma batalha para a vida toda. Devemos alargar nossa visão da batalha, não nos focando somente nos pecados públicos, e, assim, perdendo a figura toda. Devemos aprofundar nossa visão da batalha, reconhecendo que o pecado sexual é apenas uma expressão de uma guerra mais profunda pela lealdade do coração e o amor primário. Devemos reconhecer também que a batalha é mais sutil do que frequentemente imaginamos, à medida que vemos as camadas complexas de pecado em nossos corações – algumas óbvias, outras sutis; algumas externamente manifestas, algumas somente internas; algumas envolvendo nosso pecado contra outros; algumas envolvendo outros pecando contra nós. O objetivo da batalha não é “apenas dizer não” e não é ver apenas o “meio de graça”; antes, o objetivo é ver o próprio Jesus Cristo. Pois o próprio amor de Cristo é mais comprido, profundo e largo do que podemos imaginar. Powlison termina seu ensaio nos dando alguns conselhos práticos sobre como enfrentar a batalha em nosso local de trabalho.

Um “pecado notório” em nossa cultura é a homossexualidade. Muito da discussão na igreja e na cultura tem sido formulada em termos de “nós” versus “eles”. Mas *Albert Mohler* explica o por que ele vê “O Casamento Homossexual como um Desafio para a Igreja”. O desafio tem a ver primeiro e principalmente com o tipo de pessoa que nós – corpo de Deus – seremos. Mohler argumenta



convincentemente que “devemos ser as pessoas que não podem falar sobre casamento homossexual simplesmente falando sobre casamento homossexual” – isto é, devemos começar com as grandes questões em jogo. “Devemos ser as pessoas que não podem falar sobre sexo sem falar sobre casamento, e as pessoas que não podem falar sobre algo de substância ou significado sem depender da Bíblia. Devemos ser as pessoas que têm uma teologia adequada para explicar o engano mortal do pecado, bem como uma teologia adequada para explicar a vitória de Cristo sobre o pecado. Devemos ser honestos sobre o pecado como uma negação da glória de Deus, mesmo à medida que apontamos para a redenção como a glória de Deus restaurada. Devemos ser as pessoas que amam os homossexuais mais do que os homossexuais amam a homossexualidade, e devemos ser as pessoas que falam a verdade sobre o casamento homossexual e recusam aceitar até mesmo sua possibilidade conceitual, pois sabemos o que está em jogo”.

A Parte Três deste volume se foca especificamente sobre sexo e homens. *Mark Dever* abra o capítulo sobre “Sexo e o Homem Solteiro”, observando os desafios únicos enfrentados pelos homens solteiros, devido em parte ao fato dos jovens não mais esperarem se casar e à desvalorização cultural do casamento. Dever argumenta que há uma alternativa bíblica para este padrão de adolescência estendida e passividade para com o casamento. Na próxima seção deste capítulo, *Michael Lawrence* estabelece o fundamento teológico para o sexo. Muito mais do que uma lista de faça e não faça, Lawrence nos mostra o significado do sexo como Deus o designou e as implicações que isto tem para a intimidade sexual e a masturbação. *Matt Schmucker* se foca na questão da intimidade física, demonstrando que a maioria de nós tem um padrão duplo quando diz respeito a como os homens casados devem interagir com as mulheres que não são suas esposas, e como os homens solteiros devem interagir com as mulheres que não são suas esposas. Schmucker então oferece quatro razões pelas quais a intimidade física com uma mulher que não seja a sua esposa deveria ser proibida. Assim, com o que um relacionamento bíblico *deveria* se parecer? Após definir cortesia<sup>10</sup> e namoro, *Scott Croft* explica seus diferentes motivos, tendências e métodos. Trabalhando com o princípio bíblico de que o comprometimento precede a intimidade, Croft estabelece o caso de que o modelo de cortesia é o mais consistente com as regras bíblicas para um relacionamento com alguém do sexo oposto.

*C. J. Mahaney*, em seu capítulo para homens casados, nos leva de volta a Cantares de Salmão para uma instrução sobre a sexualidade piedosa. Juntamente com muitos eruditos evangélicos contemporâneos, ele respeitosa e rejeita uma interpretação alegórica ou tipológica do livro, argumento em vez disso que o livro envolve o modelo de um relacionamento sexual piedoso e apaixonado no contexto actual do casamento. Mahaney argumenta que uma das lições principais que derivamos deste livro é que, para que o romance cresça em nossos casamentos, devemos aprender a tocar o coração e mente da nossa esposa antes de tocar seu corpo. Isto envolve compor cuidadosamente palavras e a cultivação do romance através de planejamento intencional. Ele oferece sugestões práticas de como tocar sua mente e coração.

---

<sup>10</sup> Nota do tradutor: *Courtship* (cortesia), em inglês, é um termo usado para denotar um compromisso mais sério do que um mero namoro (*dating*).

Na seção final do capítulo, ele providencia conselho sábio e bíblico sobre o sexo em si e o dom da intimidade marital.

Voltamos ao assunto da “Mulher e o Sexo” na Parte Quarto. *Carolyn McCulley* começa fazendo algumas observações sobre sexo e a mulher solteira na cultura do século XXI. Mas como, ela se pergunta, uma mulher solteira cristã comprometida, que pela graça de Deus tem evitado a imoralidade sexual, pode se dirigir à nossa cultura sobre este assunto? Ela insiste que para assim fazer, esta mensagem contra-revolucionária deve ser centrada sobre o evangelho e o poder transformador e perdoador de Jesus Cristo.

Ela então se volta para examinar o que a Bíblia ensina sobre o dom de ser solteiro [celibato] e os dons da mulher de Provérbios 31. Durante o percurso, ela trata com questões de como evitar a tentação sexual no trabalho e como as solteiras deveriam agir na igreja como membros indispensáveis do corpo de Cristo. A esperança última de uma mulher solteira não pode ser por casamento, mas pela presença de Cristo. O silêncio aparente de Deus não é uma indicação de rejeição, mas uma preparação da revelação, à medida que a mulher solteira se compromete a viver sua vida para a supremacia de Cristo.

*Carolyn Mahaney*, então, fala às mulheres casadas sobre sexo. Ela não ignora a dor e a confusão que muitas mulheres têm experimentado nos seus encontros sexuais passados, mas argumenta que nenhuma situação está além do alcance da graça de Deus e do poder da cruz de Cristo. Ela insiste que pela graça de Deus todas as mulheres casadas podem desfrutar o relacionamento sexual com seus maridos, e se propõe a examinar com o que se pareceria tal relacionamento apaixonado a partir da perspectiva da esposa. Reconhecendo que a Bíblia não fornece instruções explícitas sobre o sexo marital, a Sr<sup>a</sup>. Mahaney vê vários princípios bíblicos que podem culminar no que ela chama “Graduação: Uma Intimidade Sexual”. Esposas, ela argumenta, devem ser atrativas, disponíveis, antecipatórias, agressivas e aventureiras. Ela termina com palavras de encorajamento gentil e conselho sábio àquelas mulheres que estão em perigo de desesperar e perder a esperança sobre as relações sexuais com os seus maridos.

Na parte final do livro, “História e Sexo”, voltamos a um casal histórico e a um movimento histórico para nos dar alguma perspectiva. No meu capítulo sobre “A Reforma do Casamento de Martinho Lutero”, eu olho para a vida de Martinho Lutero, o grande Reformador. À medida que Lutero começa a tarefa de reformar o casamento através do seu ensino, pregação e escrita, ele ficou convencido de que ele mesmo tinha sido chamado ao celibato e nunca se casaria. Afinal, ele pensava que provavelmente morreria uma morte de mártir em poucos anos! Mas Deus tinha planos diferentes, e um componente crucial da reabilitação de Lutero e reforma da instituição marital foi seu breve e sério namoro (*courtship*) e longo casamento com Katherine von Bora, uma jovem freira que ele ajudou a escapar de um convento. A vida deles – juntamente com os ensinamentos de Lutero sobre sexo, casamento, amor e filhos – teve um impacto revolucionário sobre a Reforma Alemã e continua a influenciar a igreja evangélica hoje.

No capítulo final, *Mark Dever* examina o papel dos Puritanos e o sexo. Os Puritanos e o sexo? Eles alguma vez desfrutaram de tal coisa? O “Puritanismo”



não era “o medo freqüente de que alguém, em algum lugar possa ser feliz”? <sup>11</sup> Dever refuta estas idéias historicamente ignorantes, com citação após citação, permitindo que os Puritanos falem por si mesmos. Após observar o pano de fundo histórico da tradição Católica Romana e a revolução Luterana, Dever detalha a visão Puritana sobre casamento, sexo, romance, pecado sexual e prazer. Dever mostra que os Puritanos não eram opostos ao prazer *per se*; eles eram opostos ao prazer enquanto insubordinado ao prazer em Deus. Dever termina extraindo oito lições que podemos aprender dos Puritanos com respeito a uma visão bíblica de sexualidade. Também anexado ao seu ensaio está um apêndice que avalia o estudo dos Puritanos dentro do mundo acadêmico. Possa Cristo te abençoar à medida que você lê este livro. Nossa oração é que ele te leve a estar mais próximo dele, à medida que você vê sua supremacia em todas as coisas – incluindo o sexo.

## Reconhecimentos

O processo de editar e escrever um livro nunca ocorre num vácuo. Nossas esposas, Noël e Lea, graciosa e alegremente nos apoiaram neste ministério, e merecem gratidão especial por sua ajuda e paciência. Estamos em débito para com muitos amigos, sem quem este projeto não existiria. Jon Bloom, o diretor executivo do *Desiring God*, manteve as rodas deste ministério girando. Scott Anderson, o coordenador da conferência *Desiring God*, trabalhou durante muitas e longas horas para reunir a conferência “Sexo e a Supremacia de Cristo”. Vicki Anderson, nosso assistente administrativo, nos mantém livres para trabalharmos em projetos como este. Gostaríamos de expressar também nossa apreciação a Carol Steinbach e Robert Williams, que graciosa e rapidamente fizeram os índices de referências a Escritura e pessoas. Expressamos nossa profunda gratidão aos contribuintes deste livro, que concordaram em não somente apresentar suas palestras em Minneapolis, mas também escrever capítulos no meio de programações de ministério agitadas.

Mais importante ainda, reconhecemos nosso débito a Jesus Cristo. Nossas vidas uma vez giraram inteiramente ao redor de tudo e todos, exceto de ti. Mas por tua graça, tu colocaste a ti mesmo no centro do nosso sistema solar. Oramos para que este livro honre a ti e a supremacia do teu nome.

Fonte: Introdução do livro *Sex and the Supremacy of Christ*, John Piper/Justin Taylor

Leia mais dois capítulos traduzidos deste livro, também disponíveis no *Monergismo.com*:

[http://www.monergismo.com/textos/sexualidade/supremacia\\_sex0.htm](http://www.monergismo.com/textos/sexualidade/supremacia_sex0.htm)

[http://www.monergismo.com/textos/sexualidade/supremacia\\_sex02.htm](http://www.monergismo.com/textos/sexualidade/supremacia_sex02.htm)

---

<sup>11</sup> H. L. Mencken, *A Mencken Chrestomathy* (New York: Vintage, 1982), 624.